

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Antonio Obá e a Sesta em dois tempos

Leonardo Alves Sá, mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade de Brasília/
ORCID 0000-0002-9230-9237
leonardo.sa@gmail.com

Resumo

No contexto mundial de criação, fruição e consumo de obras de artistas consagrados, a presente comunicação aborda a correlação temática entre o trabalho Sesta (2019) do artista brasileiro Antonio Obá e O Meridiano (1889-90), do holandês Vincent Van Gogh. Dado o anacronismo e o fato de a natureza pacífica do assunto ser praticamente a mesma, as obras se referenciam de alguma maneira, no entanto, não se colidem. Cada uma delas, justamente pela maneira singular de expressar seu tempo, exteriorizam a própria contemporaneidade em si, e por isso são tomadas como modo de expressão da relação de cada artista com o seu tempo. A obra de Van Gogh integra uma cultura que se pressupõe universal e faz parte de um sistema discursivo colonial que atravessa anos e anos. Mas, no século XXI, que relação da História da Arte com a representação visual a obra Sesta de Obá pode nos impor? Um desafio que reverbera pela historiografia da arte e implica na discussão da de(s)colonização da representação visual e na autonomia em relação aos modelos vigentes na própria arte brasileira.

Palavras-chave: Sesta. Antonio Obá. Vincent Van Gogh. Pintura. Representação Visual.

Abstract

From the perspective of the creation, fruition and consumption of the work of renowned artists around the world, this communication analyzes the thematic relationship between the painting Sesta (2019) by the Brazilian artist Antonio Obá and The Siesta (1889-90), by the Dutchman Vincent Van Gogh. Overcoming the anachronism and the fact that the peaceful nature of the subject is the same, the paintings reference each other in some way, however, they do not clash. Each of them, through their unique way of expressing their time, speak to contemporaneity itself, and are taken as a way of expressing the relationship of each artist with his time. Van Gogh's painting is part of a culture that considers itself universal and is part of a discursive system that has been in force for many years. But, in the 21st century, what relationship between Art History and visual representation could Antonio Obá's work bring us? A challenge that affects the historiography of art and implies the discussion of de(s)colonization and autonomy in relation to the current models in Brazilian art.

Keywords: Siesta. Antonio Obá. Vincent Van Gogh. Painting. Visual Representation.

ANTONIO OBÁ E A SESTA EM DOIS TEMPOS

Dentro do esforço e da necessidade de releitura das narrativas canônicas da História da Arte e da urgência da discussão dos modelos de representação visual que marcam o gesto colonial das civilizações europeias, a presente comunicação aborda, de modo breve, a correlação temática entre o trabalho *Sesta* (2019) de Antonio Obá e *O Meridiano* (1889-90), de Vincent Van Gogh.

Nesse contexto mundial de criação, fruição e consumo de obras de artistas consagrados, a *Sesta* (2019) de Obá integra o circuito artístico internacional e seu tema pode remeter à tela *O Meridiano*, de Vincent Van Gogh, mais conhecida como *Siesta*. Obviamente, a intenção não é comparar os dois artistas e nem mesmo as obras de maneira direta. A presente comunicação busca apresentar elementos contidos no trabalho do artista brasileiro cujos significados o inscrevem na perspectiva da arte contemporânea, e que também guardam relação temática com uma das obras icônicas de um dos maiores expoentes do pós-impressionismo, um dos cânones da História da Arte eurocentrada.

A partir do título da obra de Obá e do termo que se popularizou a tela de Van Gogh, *Siesta*, a visualização das obras conduz à associação temática entre elas. No caso da composição do pintor holandês, um óleo sobre tela, de 73 x 91 cm, produzido entre 1889 e 1890, o trabalho é inspirado na gravura *Mid-Day*¹, do francês Jean-François Millet. Em destaque, no centro, dois camponeses descansam: a mulher está deitada de lado, com a cabeça apoiada nos braços; o homem, deitado de barriga para cima, apoia os braços atrás da cabeça e o chapéu tampa os olhos. Ao fundo, os cavalos pastam à sombra junto de uma espécie de carroça. Van Gogh impõe seu estilo próprio de cores e pinceladas a essa cena do repouso de dois camponeses, mas se mantém fiel à composição original, inclusive nos detalhes da natureza-morta em primeiro plano.

1 Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/371549>.



Figura 1.

Vicent Van Gogh. *La Méridienn*, 1889-90, óleo sobre tela, 73 x 91 cm.

Acervo: Museu d'Orsay. Crédito: RMN-Grand Palais/Patrice Schmidt.

Fonte: <https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/la-meridienne-750>.

Não obstante as pesquisas historiográficas buscarem averiguar melhores maneiras de interpretar as fontes e as formas como a História da Arte vem sendo escrita, o trabalho de Van Gogh e o pós-impressionismo europeu emergiram em um momento do século XIX considerado de transição e seu legado é uma das bases para o trabalho artístico que viria a ser desenvolvido no século seguinte e disseminado a partir da Europa. Isso se deve à renovação das correntes de pensamento dentro do campo artístico e também à gradual popularização de tendências que culminariam na disposição a experimentações e na quebra de regras estabelecidas pelas tradicionais academias de belas artes. Artistas estavam dispostos a sacrificar a perfeita proporção, a perspectiva linear ou algum detalhe em prol de obter o efeito desejado na tela. Tal postura, de certa indiferença pela exatidão geométrica e anatômica impostas até então pela formação artística, pode ter sido um dos gatilhos para uma grande mudança no campo das artes

visuais que seguiria desde então e se tornaria tendência a partir do pós-impressionismo e nas práticas artísticas do século XX (CHIPP, 1999).

Para além do tema sesta, assim como em *O Meridiano* (1889-90), de Vincent Van Gogh, a obra de Antonio Obá passa ao largo da busca pela perfeita profundidade de campo e da perspectiva matemática, o que não ofusca a sensação de ordem e equilíbrio dos elementos da composição. O trabalho de Obá apresenta uma harmonia e simplicidade difíceis de serem alcançadas. O volume e a densidade do espaço representado se acentuam a partir dos traços dos elementos em destaque na vegetação e se confundem com a mistura de pigmentos que marcam o gesto da pintura e o relevo da tinta sobre a superfície, e que contribuem para evidenciar as pinceladas ao longo dos três metros de largura da tela.



Figura 2.

Antonio Obá. *Sesta*, 2019, óleo sobre tela, 170 x 300 cm. Acervo: Coleção Pinault.

Crédito: Bruno Leão/Mendes Wood DM.

Fonte: <https://lesoeuvres.pinaultcollection.com/oeuvre/sesta>

Na *Sesta* (2019) de Obá, cai a noite, a lua não está tão cheia, o céu azul gris ocupa o quarto superior mas é contrastado pelo junco amarelo com tons escuros que se espalha e dá destaque à vegetação que predomina na imagem. No horizonte, uma linha amarela separa as nuances de azul, o celeste e o marinho. Mais abaixo, no centro da cena, um jovem homem recostado, de blusa vermelha, calça branca, uma das pernas recolhidas, apoia-se no cotovelo direito em posição relaxada, que remete ao descanso

e ao título da obra. Na mão uma tesoura quase se confunde com a vegetação. A partir do momento em que é notada, compromete-se a tranquilidade da cena.

A inquietação conduz os olhos a percorrer o junco e perceber uma clareira na mata. O espaço escuro à esquerda representaria um corte, um rasgo ou uma vulva? Não. A ferida no solo tem rabo alongado, corpo sinuoso, orelhas em riste e materializa a habilidade do felino que se limpa enquanto repousa. Ambos, o homem e a pantera, dominam o espaço. Cada um a sua maneira, em respeito mútuo, em paz. Parecem aproveitar aquele momento de descanso que teve início à tarde, logo na sequência do almoço. O período de sono após a refeição é bem tradicional em locais onde o clima é quente, e fundamental para quem faz trabalho braçal. Na obra de Obá, o momento da sesta pode ter se estendido, haja vista a lua se fazer presente na cena.

A despeito do anacronismo e o fato de a natureza pacífica do assunto ser bastante próxima, as obras de Obá e Van Gogh se referenciam para além do tema, no entanto, não se colidem. O que significa que a tela de Obá não faz alusão direta à obra pós-impressionista. Cada uma das pinturas, justamente pela maneira singular de expressar seu tempo, exteriorizam a própria contemporaneidade em si, e por isso são tomadas como modo de expressão da relação de cada artista com o seu tempo e com seu contexto sócio-cultural. A obra de Van Gogh, contudo, integra uma cultura que se pressupõe universal e faz parte de um sistema discursivo que se impõe há anos e anos.

O legado pós-impressionista compõe as categorias operacionais da História da Arte que até pouco tempo se definiam de modo hegemônico e se apresentavam como definitivas. Portanto, é premente partir de uma perspectiva crítica frente a genealogias e atravessamentos presentes nas artes visuais para perceber o fazer artístico em sua perspectiva histórica. Tal método permite enxergar a *Siesta* de Van Gogh como sintoma do modo como a cultura europeia olha para as outras culturas, como omite as semelhanças e aponta, principalmente, as diferenças. Ou seja, as obras de arte, assim como os demais modos de representação visual são indissociáveis da própria ideia de sociedade e civilização que o mundo eurocentrado projetou para si a partir do desconhecimento dos outros (SAID, 2007).

Sabendo disso, correlacionar o trabalho *Sesta* (2019) de Antonio Obá e *O Meridiano* (1889) de Vincent Van Gogh visa conectar as obras no intuito de tencionar suas similaridades e suas especificidades. Nesse movimento, as obras se aproximam e se expandem mediante incontáveis camadas de leitura, o que torna possível destacar a temática que as aproxima, perceber suas singularidades, e não perder de vista os modelos consagrados pela História da Arte e as suas reconfigurações produzidas hoje no século XXI.

Nas duas obras, não há interesse na representação “correta” de algo ou mesmo na reprodução fotograficamente exata da natureza e da paisagem. Exageram certos aspectos, distorcem outros e simplificam formas para que estas se adequem aos seus propósitos, ou melhor, aos propósitos de cada uma das obras. O ambiente rural, em campo aberto, longe de qualquer vestígio urbano, está transcrito de modo altamente subjetivo em cada uma delas, seja na construção cromática, na nuance das pinceladas ou no arranjo dos elementos na cena. Cada uma das obras, justamente pela maneira singular de representar seu tempo, exteriorizam sua própria contemporaneidade em si, e por isso são tomadas como modo de expressão da relação do artista de qualquer que seja o tempo com o seu presente.

E o tempo de Antonio Obá é o nosso agora. Artista brasileiro nascido em Ceilândia (1983), periferia do quadrilátero do Distrito Federal, a vinte quilômetros do Plano-Piloto. Seu trabalho tenciona a memória, aspectos religiosos e políticos da formação da sociedade brasileira a partir dos papéis desempenhados pela população negra e das contradições da construção cultural do Brasil. Em *Sesta* (2019), assim como em outras de suas obras, o protagonismo e a complexidade simbólica em torno da população negra conduzem a uma revisão do próprio regime de representação visual a que estamos submetidos.

Antonio Obá, artista com mais de vinte anos de carreira, começou em 2001 em Brasília e hoje seu trabalho está presente em diversas coleções públicas e privadas pelo mundo. Até 2021, a obra *Sesta* (2019) ainda não havia sido exibida ao público. Por ser uma venda direta, passou a integrar o acervo *Pinault Collection* e foi apresentada ao público pela primeira vez somente entre 22 de maio/2021 e 30 de janeiro/2022, na reabertura do edifício histórico da bolsa de valores em Paris, França. O espaço foi transformado no museu de arte contemporânea *La Bourse de Commerce* e a exposição inaugural apresentou trabalhos de vários artistas consagrados e que compõe o acervo do colecionador François-Henri Pinault².

A *Sesta* (2019) de Obá foi exposta na Galeria 6 do museu e apresentada em conjunto com outras obras de sua autoria e com trabalhos de outros dois artistas: a suíça Miriam Cahn, e o belga Luc Tuymans. De acordo com o programa da exposição³, são sete obras do jovem artista brasileiro que exploram o universo místico, com iconografia complexa e enigmática. São imagens que parecem testemunhar histórias dolorosas e corpos feridos, entre uma história individual e um passado universal.

2 Proprietário da *Christie's*, uma das maiores e mais tradicionais empresas no ramo da arte, que negocia pinturas, fotografias, esculturas, joias, vinhos e itens colecionáveis, sua coleção privada conta com mais de dez mil obras de cerca de 400 artistas.

3 Disponível em: <https://www.pinaultcollection.com/fr/boursedecommerce/tuymans-cahn-oba>.

No circuito artístico Antonio Obá se destaca junto a outros artistas cujas poéticas visuais se articulam fora do pensamento hegemônico. Suas obras estabelecem uma gama de sentidos que conectam a atualidade com tempos apagados pela história. Ao se distanciar da perspectiva eurocentrada e se aproximar das próprias raízes, seu trabalho soma e fortalece a releitura e a escrita das narrativas da própria História da Arte brasileira.

Referências

- CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GALERIA MENDES WOOD DM. *Antonio Obá*. 2022. Disponível em <<https://mendeswooddm.com/pt/artist/antonio-oba>>. Acesso em 28 jan. 23.
- MUSEU METROPOLITANO DE NOVA IORQUE. *Mid-Day, from the series, "Four Times of the Day"*. Jean-François Millet. 1830. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/371549>>. Acesso em 28 jan. 23.
- PINAULT COLLECTION. *Exposição Overture*. 2021. Disponível em: <<https://lesoeuvres.pinaultcollection.com/nav/exposition/ouverture>>. Acesso em 02 abr. 22
- PINAULT COLLECTION. *Obra Sesta*. 2021. Disponível em: <<https://lesoeuvres.pinaultcollection.com/oeuvre/sesta>>. Acesso em 28 jan. 23.
- PINAULT COLLECTION. *Exposição Overture, Galeria 6*. Disponível em: <<https://www.pinaultcollection.com/fr/boursedecommerce/tuymans-cahn-oba>>. Acesso em 28 jan. 23.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno — São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Como citar:

SÁ, Leonardo Alves. Antonio Obá e a Sesta em dois tempos. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 591-597, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.047>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>